

## 6 Visões da Maturidade

O APEGO E A SEPARAÇÃO sustentam o ciclo da vida humana, descrevendo a biologia da reprodução humana e a psicologia do desenvolvimento humano. Os conceitos de apego e separação que assinalam a natureza e seqüência do desenvolvimento infantil aparecem na adolescência como identidade e intimidade e, depois, na idade adulta, como amor e trabalho. Esse contraponto reiterativo na experiência humana, porém, quando modelado num ordenamento desenvolvimental, tende a desaparecer no curso de sua redução linear na equação de desenvolvimento com separação. Esse desaparecimento pode ser acompanhado pelo enfoque do desenvolvimento infantil e adolescente, onde o progresso pode ser prontamente mapeado pela avaliação da distância entre a mãe e a criança. Os limites dessa interpretação tornam-se mais visíveis na ausência das mulheres dos enfoques do desenvolvimento adulto.

Preferindo como Virgílio, "cantar as armas e os varões", os psicólogos ao definir a idade adulta focalizaram o eu e o trabalho. Embora o apogeu da separação na adolescência se presume ser seguido na idade adulta pelo retorno do apego e do cuidado, recentes figuras do desenvolvimento adulto, em seu surgimento inconsútil dos estudos de homens, oferecem escassa iluminação de uma vida passada em relacionamentos íntimos e procrativos. Daniel Levinson (1978), não obstante seu evidente pesar pela exclusão das mulheres de sua amostragem necessariamente pequena, estabelece a base de um estudo machista "para criar uma concepção perfeita do desenvolvimento que abranja as diversas transformações biológicas, psicológicas e sociais que ocorrem na vida adulta" (p. 8).

A concepção de Levinson é nutrida pela idéia de "o Sonho", que

ordena as estações da vida de um homem do mesmo modo que a profecia de Júpiter de que um glorioso destino conduz o rumo da viagem de Eneias. O Sonho sobre o qual Levinson escreve é também uma visão do glorioso feito cuja realização ou modificação modelarão o caráter e a vida do homem. Nos relacionamentos destacados na análise de Levinson, o "guia" facilita a realização do Sonho, enquanto a "mulher especial" é a companheira que incentiva o herói a modelar e vivificar sua visão: "À medida que o novinho adulto tenta separar-se de sua família e do mundo pré-adulto, e integrar o mundo adulto, deve ele formar relacionamentos significativos com outros adultos que lhe facilitarão o trabalho no Sonho. Duas das mais importantes figuras nesse drama são o 'guia' e a 'mulher especial'" (p. 93).

Os relacionamentos significativos do início da idade adulta são pois construídos como meios para um fim de realização individual, e essas "figuras transicionais" devem ser descartadas ou reconstruídas segundo a realização do sucesso. Se no processo, porém, tornam-se, como Dido, um obstáculo à realização do Sonho, o relacionamento deve ser então rejeitado, "para permitir que o processo de desenvolvimento" continue. Esse processo é explicitamente definido por Levinson como de individualização "durante a vida, mas sobretudo nos períodos-chave de transição... o processo de desenvolvimento de *individualização* está continuando". O processo menciona "mudanças nos relacionamentos da pessoa consigo mesma e com o mundo externo", relacionamentos que constituem sua "Estrutura de Vida" (p. 195). Se no curso de "Tornar-se Homem para Si" descobre-se que essa estrutura é falha e ameaça as grandes expectativas do Sonho, a fim de evitar "grave Fracasso ou Decadência", o homem deve "irromper" para recompor seu Sonho. Esse ato de irrupção é consumado por um "acontecimento marcante" de separação, tal como "abandonar sua esposa, deixar o emprego, ou mudar para outro lugar" (p. 206). Assim, a estrada para a salvação da vida no seu trânsito médio passa por realização ou separação.

Do feixe de experiências humanas, a escolha de Levinson é a mesma de Virgílio, balizando o progresso do desenvolvimento adulto como uma árdua luta na direção de um destino glorioso. Como o piedoso Eneias na sua jornada para fundar Roma, os homens no estudo de Levinson assinalam suas vidas por sua devoção a realizar seu sonho, avaliando seu progresso em termos da distância em que se acham das praias do êxito prometido. Assim, nas histórias que Levinson conta, os relacionamentos, seja qual for a sua intensidade, desempenham um papel relativamente secundário no drama individual do desenvolvimento adulto.

A ênfase no trabalho é visível também no enfoque de George Vaillant (1977) da adaptação à vida. As variáveis que correlatam com o ajustamento adulto, como a entrevista que gera os dados, recaem predominantemente na ocupação e requerem uma expansão dos estágios de Erikson. Preenchendo o que ele vê como "um período não assinado do desenvolvimento", deixado em branco por Erikson "entre as décadas dos vinte e dos quarenta", Vaillant descreve os anos dos trinta como a era da "Consolidação da Carreira", época em que os homens na sua amostragem procuravam, "como o soldado de Shakespeare, 'a Reputação de nada'" (p. 202). Com essa analogia da Roma de Shakespeare, a continuidade da intimidade e geratividade é interrompida para ceder lugar a um estágio de mais individualização e realização, realizadas pelo trabalho e consumadas por um êxito que traz reconhecimento social.

A noção de geratividade de Erikson (1950), porém, é modificada no processo dessa reformulação. Conhecendo geratividade como "a preocupação em estabelecer e orientar a próxima geração", Erikson toma a "*produtividade* e a *criatividade*" do parentesco em sua compreensão literal ou simbólica como metáfora para uma idade adulta centrada nos relacionamentos e dedicada à atividade de cuidar (p. 267). No enfoque de Erikson, geratividade é o estágio central do desenvolvimento adulto, abrangendo "o relacionamento do homem com sua produção bem como com sua progênie" (p. 268). Nos dados de Vaillant, esse relacionamento é relegado, ao invés, à meia-idade.

Afirmando que a geratividade "não é bem o estágio para fazer as coisas pequenas crescerem", Vaillant argumenta contra a metáfora de Erikson do parentesco advertindo que "o mundo está cheio de mães irresponsáveis que são maravilhosas gerando e amando crianças até a idade de dois anos e depois desistindo de levar o processo avante". A geratividade, a fim de excluir tais mulheres, é destruída de seu cheiro de terra e redefinida como "responsabilidade pelo crescimento, orientação e bem-estar dos seus semelhantes, e não das lavours ou crianças" (p. 202). Assim, o território da concepção de Erikson é estreitado para o desenvolvimento na meia-idade adulta e no processo fica mais restritivo em sua definição de cuidado.

Em consequência, Vaillant acentua a relação do eu com a sociedade e minimiza a ligação com outros. Numa entrevista sobre o trabalho, saúde, tensão, morte, e uma variedade de relacionamentos familiares, Vaillant diz aos homens em seu estudo que "a questão mais dura" que fará é: "Você pode descrever sua esposa?" Essa cautela preliminar presumivelmente adveio de sua experiência com essa amo-

tra de homens, mas aponta para os limites da adaptação deles, ou talvez para o ônus psicológico dela.

Assim, os "modelos para uma vida saudável" são homens que parecem distantes de seus relacionamentos, achando difícil descrever suas mulheres, cuja importância em suas vidas eles no entanto reconhecem. O mesmo senso de distância entre o eu e os outros é evidente na conclusão de Levinson de que "em nossas entrevistas, a amizade era amplamente notada por sua ausência. Como uma generalização aproximativa, diríamos que uma amizade íntima com um homem ou uma mulher raramente é vivenciada por homens norte-americanos". Sob essa impressão, Levinson interrompe sua discussão das três "tarefas" da idade adulta (Construir e Modificar a Estrutura da Vida, Trabalhar sobre Componentes Isolados da Estrutura da Vida, e Tornar-se mais Individuado), para apresentar uma teoria: "Um homem pode ter uma ampla rede social na qual tenha relacionamentos amigáveis, 'amistosos' com muitos homens e talvez umas poucas mulheres. Em geral, porém, a maioria dos homens não tem um amigo íntimo masculino do tipo que gostosamente lembram da meninice ou juventude. Muitos homens tiveram relacionamentos casuais e passageiros com mulheres, e talvez uns poucos relacionamentos amorosos-sexuais complexos, mas a maioria dos homens não teve uma amizade não-sexual íntima com uma mulher. Precisamos compreender por que a amizade é tão rara, e que conseqüências essa carência tem para a vida adulta" (p. 335).

Há, pois, por um lado, estudos que transmitem uma visão da idade adulta onde os relacionamentos estão subordinados ao processo em curso de individuação e realização, cujo progresso, no entanto, é afirmado em ligações anteriores e se pensa fortalecer a capacidade para a intimidade. Por outro lado, há a observação de que entre aqueles homens cujas vidas serviram de modelo para o desenvolvimento adulto, a capacidade para relacionamentos é em certo sentido diminuída e os homens são constritos em sua expressão emocional. Os relacionamentos são freqüentemente formulados na linguagem da realização, caracterizados pelo seu êxito ou fracasso, e empobrecidos na sua gama afetiva:

"Aos quarenta e cinco anos, Lucky desfrutava de um dos melhores casamentos no estudo, mas provavelmente não tão perfeito quanto ele achava, quando escreveu: 'Você pode não me acreditar quando eu digo que nunca tivemos uma desavença, grande ou pequena.'"

"A biografia do Dr. Carson ilustra essa passagem falante de identidade à intimidade, através da consolidação da carreira, e, finalmente, à capacidade de *cuidar* no seu mais pleno sentido... ele passou pelo divórcio, novo casamento, e mudou da pesquisa para a clínica particular. Sua metamorfose pessoal continuou. O retratado pesquisador tornou-se um clínico encanador... suave, tranquilo, amável e controlado... A energia vibrante que caracterizou sua adolescência voltou... agora sua depressão era claramente um *afeto*; e ele era infatigável. No instante seguinte ele confessou: 'Sou muito sexual e aí está o problema, demais.' Ele não me fez uma instigante narrativa enquanto me falava não só de recentes emburilhadas românticas mas também de seu caloroso e paternal cuidado pelos clientes." (Vaillant, 1977, pp. 129, 203-206.)

A noção de que a separação leva à ligação e que a individuação acaba em mutualidade, ao mesmo tempo que reiterada por Vaillant e Levinson, é desmentida pelas vidas que eles apresentam como apoio. Do mesmo modo, nos estudos de Erikson de Lutero e Gandhi, enquanto o relacionamento entre o eu e a sociedade é realizado em magistral articulação, ambos os homens são prejudicados em sua capacidade de intimidade e vivem a grande distância pessoal dos outros. Lutero, em sua devoção à Fé, como Gandhi, em sua devoção à Verdade, ignoram as pessoas mais próximas a eles, trabalhando, em vez disso, para a glória de Deus. Esses homens se parecem em notáveis portenores com o pio Enéias no poema épico de Virgílio, que também superou os limites do apego que impedia o progresso de sua jornada para Roma.

Em todos esses enfoques as mulheres se mantêm em silêncio, exceto quanto à voz lamentosa de Dido que, implorando e ameaçando em vão Enéias, afinal se silencia por sua espada. Parece, portanto, haver uma linha falante de desenvolvimento nos atuais quadros do desenvolvimento adulto, uma lacuna na descrição da progressão dos relacionamentos no sentido de uma maturidade de interdependência. Embora a verdade da separação seja reconhecida na maioria dos textos desenvolvimentais, a realidade da conexão ininterrupta é perdida ou relegada aos bastidores onde as figuras das mulheres aparecem. Desse modo, a concepção emergente do desenvolvimento adulto lança uma sombra familiar sobre as vidas das mulheres, apontando de novo para o caráter incompleto de sua separação, descrevendo-as como afogadas em relacionamentos. Para as mulheres, os assinalados desenvolvimentais de separação e ligação, distribuídos sequen-

cialmente à adolescência e idade adulta, parecem em certo sentido estarem fundidos. No entanto, enquanto essa fusão deixa as mulheres em risco numa sociedade que premia a separação, aponta também para uma verdade geral atualmente obscurecida nos textos psicológicos.

Na idade adulta jovem, quando identidade e intimidade convergem em dilemas de compromisso conflitante, o relacionamento entre o eu e o outro vem à tona. Esse relacionamento difere na experiência de homens e mulheres, como tema constante na bibliografia do desenvolvimento humano e é um achado da minha pesquisa. A partir da diferente dinâmica de separação e ligação em sua formação de identidade de gênero através da divergência de identidade e intimidade que assinala sua experiência nos anos de adolescência, as vozes masculinas e femininas falam tipicamente da importância de diferentes verdades, a primeira do papel da separação enquanto define e fortalece o eu, a última do processo em curso de ligação que cria e mantém a comunidade humana.

Considerando que esse diálogo contém a dialética que cria a tensão do desenvolvimento humano, o silêncio das mulheres na narrativa do desenvolvimento humano distorce a concepção dos seus estágios e de sua seqüência. Assim, quero recuperar em parte o texto falante do desenvolvimento das mulheres, quando elas afirmam suas concepções do eu e da moralidade nos primeiros anos como adultas. Focalizando sobretudo as diferenças entre as concepções de homens e mulheres, meu objetivo é ampliar o entendimento desenvolvimental ao incluir as perspectivas de ambos os sexos. Embora os julgamentos considerados provenham de uma pequena amostragem e de pessoas de alta instrução, eles esclarecem um contraste e permitem identificar não apenas o que está faltando no desenvolvimento das mulheres, mas também o que existe.

Esse problema de identificação foi ilustrado numa turma de literatura numa faculdade de mulheres, onde as estudantes discutiam o dilema moral exposto nos romances de Mary McCarthy e James Joyce:

“Fui apanhada num dilema que era novo para mim mas que desde então tornou-se horrivelmente familiar: a armadilha da vida adulta, na qual você fica preso, agitando-se, inerte para agir porque você pode ver ambos os lados. Naquela ocasião, como em geral no futuro, eu conciliei.”

(*Memórias de uma Meninice Católica*)

‘Não servirei àquilo em que não mais acredito, chame-se a isso meu lar, minha pátria ou minha Igreja: e tentarei me exprimir em algum modo de vida ou arte tão livremente quanto puder e tão inteiramente quanto eu possa, tomando para minha defesa as únicas armas que me permito usar — silêncio, exílio e destreza.’

(*Retrato de um Artista Quando Jovem*)

Comparando a clareza do *non serviam* de Stephen com o “curso em ziguezague” de Mary McCarthy, as mulheres foram unânimes em sua decisão de que a melhor escolha foi a de Stephen. Ele era poderoso em sua firmeza de crença e armado de estratégias para evitar confronto; a forma de sua identidade era clara e ligada a convincente justificação. Seja como for, ele tomou uma posição.

Desejando ser mais parecidas com Stephen, em sua clareza de decisão e firmeza de desejo, ao invés as mulheres viam-se como Mary McCarthy, desamparadas, inermes, e permanentemente prejudicadas. As imagens contrastantes de desamparo e poder em seu vínculo exadadas mulheres, o conflito entre integridade e cuidado. Na elaboração mais simples de Stephen, a separação parecia a condição empobrecidora de livre e plena expressão, enquanto a ligação aparecia como armadilha paralisante e o cuidado um inevitável prelúdio à transigência. Para as estudantes, o retrato de Mary McCarthy confirmava sua aprovação desse enfoque.

Nos romances, porém, as descrições contrastantes da via para a vida adulta aparecem. Para Stephen, abandonar a infância significa expressar a liberdade de auto-berdade de auto-expressão para proteger outros e manter os relacionamentos: “Encha-me um senso de poder e magnanimidade cesaria-dade, como uma pessoa crescida e responsável” (p. 162). Essas divergentes construções de identidade, na auto-expressão ou no auto-sacrifício, criam diferentes problemas para maior desenvolvimento — o primeiro, problema de conexão humana, o último, um problema de verdade. Esses problemas aparentemente disparem, porém, estão intimamente relacionados, visto que a redução da verdade cria distância nos relacionamentos, e a separação afasta parte da verdade. No estudo de alunos de faculdade que abrangia os anos de inicia da idade adulta, a volta dos homens do exílio e o seu silêncio equiva-

lia à volta das mulheres do equívoco, até que intimidade e verdade convergem na descoberta da conexão entre integridade e cuidado. Então apenas uma diferença de tom revela o que homens e mulheres sabem desde o início e o que somente mais tarde descobrem pela experiência.

A escolha imediata de autodepreciação na preferência por Stephen pelas mulheres na aula de Inglês é igualada pela presteza infantil de elogiar nas mulheres participantes do estudo de mulheres em faculdade. Os participantes neste estudo eram em número desigual de homens e mulheres, representando a distribuição de ambos os sexos no curso de moral e política. Na idade de vinte e sete anos, as cinco mulheres no estudo estavam todas ativamente em busca de carreiras — duas em medicina, uma em direito, uma em bacharelado e outra como organizadora de sindicatos trabalhistas. Nos cinco anos seguintes à sua graduação na faculdade, três haviam casado e uma tinha um filho.

Quando interrogadas aos vinte e sete anos: “Como você se descreveria para si mesma?”, uma das mulheres recusou-se a responder, mas as outras quatro deram as seguintes respostas ao entrevistador:

“Parece um pouco estranho, mas me sinto maternal, com todas as suas conotações. Vejo-me no papel de amamentadora, talvez não imediatamente agora, mas sempre que possa ser, como médica, como mãe... É difícil para mim pensar em mim mesma sem pensar em outras pessoas à minha volta a quem me dou.”

(Claire)

“Estou oitivamente trabalhando duro e oitivamente completa e oitivamente responsável, e em termos de fraqueza, estou algumas vezes hesitante sobre tomar decisões e insegura de mim mesma e medrosa de fazer coisas e assumir responsabilidade, e acho que talvez esse seja um dos maiores conflitos que já tive... O outro aspecto muito importante de minha vida é meu marido e tentar tornar a vida dele mais cômoda e cooperar com ele.”

(Leslie)

“Eu sou uma histérica. Sou intensa. Sou quente. Sou muito esperta quanto às pessoas... Tenho muito mais sentimentos suas do que sentimentos duros. É mais fácil para mim ser gentil do que enfiar. Se tivesse que dizer certa palavra, e para mim significa muito, *adoitava*.”

(Erica)

“Eu mudei um bocadinho. Naquela última entrevista aos vinte e dois anos eu me sentia como uma espécie de pessoa que estava interessada em crescer, e dar duro, e me parece que nos últimos anos, não dar duro é ser alguém que não está crescendo, e penso que é a coisa que me chateia ao máximo, a coisa que me faz pensar que não estou crescendo. Não é verdade, eu estou, mas o que me parece um fracasso parcialmente é o modo como Tom e eu rompemos. A coisa com Tom me faz sentir como se eu não estivesse crescendo... O que me acontece ultimamente é como digo para mim mesma, minha conduta às vezes não sai daquele jeito. Como eu prejudico Tom um bocadinho, e isso me chateia. Então estou pensando em mim mesma como alguém que tentou não prejudicar outros, mas acabei prejudicando-o muito, e então é isso que me pesa, que eu sou alguém que sem querer prejudica os outros. Ou um sentimento, recentemente, de que é simples sentar e dizer quais são os seus princípios, o que são os seus valores, e o que penso de mim mesma, mas do jeito que você às vezes pratica é muito diferente. Você pode dizer que tenta não prejudicar os outros, mas você podia por causa de coisas sobre você mesma, ou você pode dizer que isso é meu princípio, mas quando surge a situação, você realmente não age como você gostaria... Por isso me considero contraditória e confusa.”

(Nan)

A fusão de identidade e intimidade, observada repetidamente no desenvolvimento das mulheres, em nenhum lugar será talvez mais claramente expressa do que nessas autodescrições. Em resposta ao pedido para se descreverem, todas essas mulheres descrevem um relacionamento, retratando sua identidade *na* conexão de futura mãe, atual esposa, criança adotada, ou ex-amante. Do mesmo modo, o padrão de julgamento moral que nutre sua avaliação do eu é um padrão de relacionamento, uma ética da amamentadora, da responsabilidade e do cuidado. Medindo sua força na atividade de ligação (“dar-se a”, “socorrer”, “ser gentil”, “não prejudicar”), essas mulheres altamente bem-sucedidas e realizadas não mencionam sua distinção acadêmica e profissional no contexto de descrever-se. Se acaso mencionam, consideram suas atividades profissionais como prejudicando seu próprio senso de si mesmas, e o conflito que deparam entre realização e cuidado deixa-as ou divididas no julgamento ou sentindo-se traídas. Nam explica:

“Logo que me matriculei na escola médica, meu sentimento era de que eu era uma pessoa que estava preocupada com outras pessoas e sendo capaz de cuidar delas de um modo ou de outro, e eu estava enfrentando problemas nos últimos anos até o limite de poder me entregar, meu tempo, e o que estou fazendo a outras pessoas. E a medicina, embora pareça aquela profissão exatamente adequada para isso, parece mais ou menos interferir com você executá-la. Eu me sentia como se não estivesse crescendo realmente, caminhando na água, tentando me dar conta de que o que eu estava fazendo me angustiava de alguns modos, porque não era o modo como eu queria que as coisas acontecessem.”

Assim, em todas as descrições das mulheres a identidade é definida num contexto de relacionamento e julgada por um padrão de relacionamento e cuidado. Do mesmo modo, a moralidade é vista por essas mulheres como decorrente da experiência de ligação e concebida como problema de inclusão e não de uma ponderação de direitos. O pressuposto subjacente de que a moralidade decorre da ligação é explicitamente declarado por Claire em sua resposta ao dilema de Heinz quanto a roubar ou não um remédio de preço fora do seu alcance para salvar a esposa. Explicando por que Heinz deve roubar, ela elabora a visão da realidade social na qual se baseia seu julgamento:

“Por você mesmo, há pouco senso nas coisas. É como o som de uma mão batendo, o som de um homem ou de uma mulher, está faltando alguma coisa. O coletivo é que importa para mim, e esse coletivo é baseado em certos princípios orientadores, um dos quais é que todos pertencem a ele e que vocês vêm dele. Você tem que amar alguém, porque embora você possa não gostar deles, você é inseparável deles. De certo modo, é como você amar sua mão direita. *Eles são parte de você;* que a outra pessoa é parte daquela coleção gigantesca de pessoas a quem você está ligado.”

Para essa maternal futura médica, o som de uma mão batendo não parece uma transcendência milagrosa mas antes um absurdo humano, a ilusão de uma pessoa sozinha numa realidade de interconexão.

Para os homens, o tom da identidade é diferente, mais claro, mais direto, mais distinto e agudo. Mesmo quando depreciando o próprio conceito, eles irradiam a confiança de certa verdade. Embora o mun-

do do eu que os homens descrevem às vezes inclua “pessoas” e “ligações profundas”, nenhuma pessoa ou relacionamento em particular são mencionados, nem a atividade do relacionamento é retratada no contexto da autodescrição. Em lugar dos verbos de ligação das mulheres encontram-se adjectivos de separação — “inteligente”, “lógico”, “imaginativo”, “honesto”, e às vezes até mesmo “arrogante” e “pretenso”. Assim, o “eu” masculino é definido em separação, embora os homens falem de ter “contatos reais” e “emoções profundas” ou coisas desejáveis para eles.

Numa metade de amostra colhida ao acaso, homens que estavam situados de modo semelhante às mulheres em posição ocupacional ou conjugal, quando solicitados a se autodescreverem, responderam:

“Lógico, conciliador, aparentemente calmo. Se minhas afirmações parecem curtas e abruptas é devido a minha formação e disciplina. Declarações arquiteturais têm de ser muito concisas e curtas. Compreensivo. Aquelas estão todas no nível emocional. Considero-me educado, razoavelmente inteligente.

Eu me descreveria como uma pessoa entusiasmada, ardente, ligeiramente arrogante. Interessado, comprometido, muito cansado precisamente agora porque não dormi bem a noite passada.

Eu me descreveria como uma pessoa bem desenvolvida intelectual e emocionalmente. Circulo relativamente pequeno de amigos, conhecidos, pessoas com quem tenho contatos reais em comparação com contatos profissionais ou comunitários. E relativamente orgulhoso de qualificação e desenvolvimento intelectuais, satisfeito também com o desenvolvimento emocional, como um objetivo não muito ativamente buscado. Desejo de ampliar este, o aspecto emocional.

Inteligente, perceptivo — estou sendo brutalmente honesto agora — ainda um tanto reservado, irrealista quanto a várias situações sociais que envolvem outras pessoas, sobretudo autoridades. Melhorando, mais descontraido, menos tenso e desligado do que costumava ser. Um pouco preguiçoso, embora seja difícil dizer até que ponto isso se liga a outros conflitos. Imaginativo, às vezes até demais. Um pouco dilatante, interessado num monte de coisas sem necessariamente me aprofundar nelas, embora eu esteja mudando para corrigir isso.

Eu tenderia a me descrever em primeiro lugar contando uma história pessoal, onde nasci, me criei, e esse tipo de coisa, mas estou descontente com isso, que já fiz milhares de vezes. Não parece captar a essência do que sou, provavelmente eu decidiria por outra inútil tentativa, porque não existe absolutamente essa coisa de essência do que sou, e seria muito chato tudo isso... Penso que não existe uma coisa como eu mesmo. Há eu sentado aqui, há eu amanhã, e assim por diante.

Desenvolvendo-se e honesto.

Acho que na superfície eu pareço um pouco fácil de levar e trazer, mas penso que sou provavelmente um pouco mais sensível do que isso. Eu tendo a me magoar muito facilmente. Esperto, um pouco, ou talvez pretensioso. Não tão completo como eu devia ser. Um pouco grosso, acho, um cara não é dominado por emoções e sentimentos. Eu tenho emoções profundas, mas não sou uma pessoa que tem muitas pessoas diferentes. Tenho ligações com umas poucas pessoas, ligações muito profundas. Ou ligações com um monte de coisas, pelo menos no sentido demonstrável.

Acho que penso que sou um tipo criativo e também um pouco esquizofrênico... Muito disso resulta de como cresci. Há uma espécie de saudade da vida pastoral, e, ao mesmo tempo, um desejo de brilho, prestígio, e reconhecimento que você consegue saindo e se mexendo."

Dois dos homens começam mais experimentalmente falando de pessoas em geral, mas voltam afinal às grandes idéias ou a uma necessidade de realização marcante:

"Acho que sou basicamente uma pessoa normal. Acho que gosto muito de pessoas e de pessoas amáveis. Gosto de fazer coisas com prazer para os outros, para a vida deles, quase. Mesmo gente que não conheço bem. Quando eu disse que sou uma pessoa normal, acho que isso é quase a coisa que me faz normal, que é uma qualidade normal, uma boa qualidade. Acho que sou muito lúcido. Acho que estou um pouco perdido, não agindo bem se não estou inspirado — se é que é uma questão de falta de inspiração. Não sei — mas não fazer coisas, não realizar coisas, e não saber aonde ir ou o que estou fazendo. Acho

que a maioria das pessoas especialmente médicos têm idéia do que vão fazer em quatro anos. Eu [um interno] realmente tenho um branco... Eu tenho grandes idéias... mas não posso me imaginar nelas.

Acho que as coisas que gosto de pensar que são importantes para mim são que estou a par do que acontece em volta de mim, as necessidades de outras pessoas em volta de mim, e o fato de que gosto de fazer coisas para outras pessoas e me sinto bem com isso. Acho que é ótimo na minha situação, mas não sei se todos concordam. Acho que algumas pessoas fazem coisas para os outros e não sentem prazer nisso. De vez em quando isso acontece comigo também, por exemplo, trabalhando perto de casa, e estou sempre fazendo as mesmas coisas análogas que todos estão fazendo e finalmente fico um pouco aborrecido com isso."

Nessas descrições do eu dos homens, o envolvimento com outros achase ligado a uma qualificação de identidade mais do que à sua realização. Em vez de ligação, a realização individual acende a imaginação masculina, e as grandes idéias ou uma atividade marcante definem o padrão de auto-avaliação e do êxito.

Assim, o ordenamento seqüencial de identidade e intimidade na passagem da adolescência para a idade adulta ajusta-se melhor no desenvolvimento dos homens do que ao das mulheres. Poder e separação garantem ao homem uma identidade conseguida através do trabalho, mas o deixam a certa distância dos outros, que parecem em certo sentido fora de sua vista. Granly, instando Stephen Daedalus a cumprir seu dever de Páscoa por sua mãe, lembra-lhe:

"Sua mãe deve ter passado por muito sofrimento... Você não tentaria poupá-la de sofrer mais mesmo, que — ou em seu lugar?"

"Se eu pudesse, disse Stephen, isso me custaria muito pouco."

Dada essa distância, a intimidade torna-se a experiência decisiva que traz o eu em conexão com os outros, possibilitando ver ambos os lados — descobri os efeitos das ações sobre outros bem como seu ônus para o eu. A experiência do relacionamento acaba com o isolamento, que de outro modo cai em diferença, uma falta de ativa preocupação com outros, embora talvez uma disposição a respeitar seus direitos. Por esta razão, a intimidade é a experiência transformadora para os

homens através da qual a identidade adolescente converte-se em geratividade do amor e trabalho adultos. Enquanto isso, como observa Erikson (1964), o conhecimento obtido através da intimidade muda a moralidade ideológica do adolescente para uma ética adulta do cuidar.

Visto, porém, que as mulheres definem sua identidade através de relacionamentos de intimidade e cuidado, os problemas morais que elas deparam pertencem a questões de uma espécie diferente: Quando os relacionamentos são garantidos pela dissimulação do desejo e o conflito é evitado por ambiguidade, então a confusão surge sobre o lugar da responsabilidade e da verdade. McCarthy, relatando suas "representações" a seus avós, explica:

"Qualquer coisa que lhes dissesse era em geral tão nebuloso e disfarçado, no esforço de obter aprovação deles (porque, independente de alguma coisa, eu gostava deles e tentava me acomodar à perspectiva deles), que exceto quando respondia a uma questão direta, eu dificilmente sabia se o que eu estava dizendo era verdadeiro ou falso. Eu realmente tentava, pelo menos assim penso, evitar a mentira, mas me parecia que eles forçavam a isso pela diferença no seu modo de ver as coisas, de modo que eu estava sempre transpondo a realidade para eles em termos que eles pudessem entender. Para conciliar minha consciência, eu recuava, sempre que possível, da mentira absoluta, assim como, por medida de precaução, recuo da plena verdade."

Portanto, a experiência decisiva torna-se não a intimidade, mas a escolha, criando um encontro com o eu que esclarece o entendimento da responsabilidade e a verdade.

Assim, na passagem da adolescência para a idade adulta, o dilema em si é o mesmo para ambos os sexos, um conflito entre integridade e cuidado. Mas visto de diferentes perspectivas, esse dilema gera a percepção de verdades opostas. Essas diferentes perspectivas são refletidas em duas diferentes ideologias morais, visto que a separação é justificada por uma ética dos direitos, enquanto a ligação é apoiada por uma ética do cuidado.

A moralidade dos direitos tem como fundamento a igualdade e centra-se no entendimento da equanimidade, ao passo que a ética da responsabilidade apóia-se no conceito de equidade, o reconhecimento de diferenças nas necessidades. Enquanto a ética do direito é uma manifestação de respeito igual, equilibrando as reivindicações do ou-

tro e do eu, a ética da responsabilidade repousa num entendimento que ensina compaixão e cuidado. Desse modo, o contraponto de identidade e intimidade que assinala o tempo entre a infância e a idade adulta é expresso através de duas diferentes moralidades cuja complementaridade é a descoberta da maturidade.

A descoberta dessa complementaridade é assinalada no estudo pelas questões quanto a experiências pessoais de conflito e opções morais. Dois advogados escótfidos da amostra ilustram como a divergência em julgamento entre os sexos é solucionada pela descoberta de cada um da perspectiva do outro e o relacionamento entre integridade e cuidado.

O dilema de responsabilidade e verdade que McCarthy relata é reiterado por Hilary, advogada, aquela mulher que achou muito difícil descrever-se ao fim do que "realmente foi uma semana agitada". Ela também, como McCarthy, considera os atos de auto-sacrifício "corajosos" e "meritórios", explicando que "se todos neste mundo agissem de modo a mostrar cuidado por outros e coragem, o mundo seria um lugar muito melhor, porque você não teria crime e podia não haver miséria". Contudo, esse ideal moral de auto-sacrifício e cuidado é prejudicado não só no relacionamento onde as verdades conflitantes dos sentimentos de cada um impossibilitam evitar dano, mas também nos tribunais onde, apesar de sua consideração pelo cliente do outro lado, ela decidiu não ajudar seu adversário a ganhar a causa.

Em ambos os casos, ela verificou que a obrigação absoluta de não causar dano a outros era uma orientação inadequada para solucionar os dilemas concretos que ela enfrentava. Sua descoberta da disparidade entre intenção e consequência e das restrições concretas da escolha levaram-na a compreender que, em certas situações, não há jeito nenhum de não causar dano. Ao encarar esses dilemas tanto na sua vida pessoal como profissional, ela não abdica da responsabilidade da escolha, mas, pelo contrário, reivindica o direito de incluir-se entre as pessoas a quem ela considera moral não prejudicar. Sua moralidade mais abrangente agora contém a obrigação de ser fiel a si mesma, dotando-a de dois princípios de julgamento cuja integridade ela ainda não pode vislumbrar claramente. O que ela de fato reconhece é que tanto a integridade como o cuidado devem ser incluídos numa moralidade que abraça os dilemas do amor e do trabalho que surgem na vida adulta.

A passagem para a tolerância que acompanha o abandono dos absolutos é considerada por William Perry (1968) como balizando o curso do desenvolvimento intelectual e ético durante os primeiros anos

adultos. Perry descreve as transformações no pensar que assinalam a transição de uma crença de que o conhecimento é absoluto e as respostas claramente certas ou erradas para um entendimento da realidade contextual da verdade e da escolha. Essa transição e seu impacto no julgamento moral podem ser percebidos nas mudanças no entendimento moral que ocorrem tanto em homens como em mulheres durante cinco anos seguintes à faculdade (Gilligan e Murphy, 1979; Murphy e Gilligan, 1980). Embora ambos os sexos se afastem dos absolutos nessa época, os absolutos em si diferem para um e outro sexo. No desenvolvimento das mulheres, o absoluto do cuidado, definido inicialmente como não prejudicar outros, complica-se pelo reconhecimento da necessidade de integridade pessoal. Esse reconhecimento enseja a reivindicação de igualdade encarnada no conceito de direito, que modifica o entendimento dos relacionamentos e transforma a definição de cuidado. Para os homens, os absolutos da verdade e da equanimidade, definidos pelos conceitos de igualdade e reciprocidade, são postos em questão pelas experiências que demonstram a existência de diferenças entre o outro e o eu. Em seguida, a consciência de múltiplas verdades leva a uma relativização da igualdade no sentido da equidade e enseja uma ética da generosidade e do cuidado. Para ambos os sexos, a existência de dois contextos para a decisão moral torna o julgamento, por definição, contextualmente relativo e leva a uma nova compreensão de responsabilidade e escolha.

A descoberta da realidade das diferenças e pois da natureza contextual da moralidade e da verdade é descrita por Alex, um advogado do no estudo de alunos de faculdade, que começou na escola de direito “a compreender que você realmente não sabe tudo” e “e você já-mais saberá se existe algum absoluto. Eu acho que você jamais saberá se existe um direito absoluto. O que você realmente sabe é que tem que percorrer um caminho ou outro. Você terá que tomar uma decisão”.

A consciência de que ele não sabia tudo aconteceu mais penosamente num relacionamento, cujo final pegou-o totalmente de surpresa. Na sua tardia descoberta de que a experiência da mulher tinha diferido da sua, ele compreendeu o quanto ele estava distante num relacionamento que ele considerava íntimo. A partir daí, a hierarquia lógica dos valores morais, cuja verdade absoluta ele antes proclamava, veio a ser considerada como um obstáculo à intimidade mais que uma fortaleza da integridade pessoal. A medida que sua concepção de moralidade começou a mudar, seu pensamento centrou-se nas questões de relacionamento, e sua preocupação com a justiça complicou-se por um novo entendimento da ligação humana. Descrevendo o

“princípio da ligação” que começou a nutrir seu modo de encarar problemas morais, Alex vê a necessidade de que a moralidade se estenda para além de considerações de equanimidade para preocupar-se com os relacionamentos:

“As pessoas têm concretas necessidades emocionais de estarem ligadas a alguma coisa, e a igualdade não lhe dá ligação. A igualdade fratura a sociedade e dá a toda pessoa o encargo de ficar de pé sobre os dois pés.”

Embora “a igualdade seja uma coisa quebradica em que se possa pendurar”, por si só não pode solucionar os dilemas de escolha que surgem na vida. Dada sua nova consciência de responsabilidade e das reais conseqüências da escolha, diz Alex: “A questão não é bem de igualdade. A coisa está em como as pessoas terão condições de cuidar de suas vidas.” Reconhecendo a necessidade de dois contextos para julgamento, acha ele, no entanto, que a integração deles “é difícil de se dar”, visto que às vezes “seja qual for o caminho que você escolha, alguém ficará prejudicado, e alguém ficará prejudicado para sempre”. Então, diz ele, “você chegou ao ponto em que há um conflito insolúvel”, e a escolha se torna uma questão de “escolher a vítima” em vez de produzir o bem. Com o reconhecimento da responsabilidade que essas escolhas acarretam, seu julgamento se torna mais afinado com as conseqüências psicológicas e sociais da ação, com a realidade das vidas das pessoas num mundo histórico.

Assim, partindo de pontos muito diferentes, de identidades muito diferentes de justiça e cuidado, os homens e mulheres do estudo chegam, à medida que se tornam adultos, a um entendimento maior de ambos os pontos de vista e, pois, a maior convergência em julgamento. Reconhecendo os contextos duais de justiça e cuidado, compreendem que o julgamento depende do modo como o problema é formulado.

Mas sob esse prisma, a própria concepção do desenvolvimento depende do contexto no qual é formulada, e se pode perceber a transição da visão da maturidade quando a idade adulta é retratada por mulheres em vez de homens. Quando as mulheres constroem o domínio adulto, surge o mundo dos relacionamentos e se torna o foco da atenção e do interesse. McClelland (1975), observando essa transição nas fantasias do poder nas mulheres, nota que “as mulheres são mais preocupadas que os homens com ambos os lados de um relacionamento interdependente” (pp. 85-86). Essa ênfase na interdependência é manifesta nas fantasias que igualam poder com o dar-se e cuidar.

McClelland informa que enquanto os homens representam atividade poderosa como afirmação e agressão, as mulheres, pelo contrário, retratam atos de criação como atos de força. Considerando que sua pesquisa sobre o poder trata "em particular das características da maturidade", ele sugere que mulheres e homens maduros podem relacionar-se com o mundo num estilo diferente.

Que as mulheres diferem em sua orientação quanto ao poder é também o tema da análise de Jean Baker Miller. Ressaltando os relacionamentos de dominância e subordinação, ela verifica que a situação das mulheres nesses relacionamentos oferece "uma chave decisiva para a compreensão da ordem psicológica". Essa ordem surge dos relacionamentos de diferença, entre homem e mulher, pais e filho, que criam "O ambiente — a família — na qual a mente humana, tal como a conhecemos, é formada" (1976, p. 1). Dado que esses relacionamentos de diferença encerram, na maioria dos casos, um fator de desigualdade, assumem uma dimensão moral pertinente ao modo como o poder é utilizado. Sobre essa base, Miller distingue relacionamentos de desigualdade temporária e de desigualdade permanente, a primeira representando o contexto do desenvolvimento humano, a segunda, a condição de opressão. Nos relacionamentos de desigualdade temporária, tais como pais e filho ou professor e aluno, o poder idealmente é usado para fomentar o desenvolvimento que afasta a disparidade inicial. Nos relacionamentos de desigualdade permanente, o poder consolida dominância e subordinação, e a opressão é racionalizada por teorias que "explicam" a necessidade de sua continuação.

Miller, ressaltando desse modo a dimensão de desigualdade na vida humana, identifica a psicologia distintiva das mulheres como surgindo da combinação de suas posições em relacionamentos de desigualdade temporária e permanente. Dominantes em relacionamentos temporários de criação que desaparecem com a dissolução da desigualdade, as mulheres são subservientes nos relacionamentos de *status* e poder sociais permanentemente desiguais. Além disso, embora subordinadas ao homem em posição social, as mulheres são ao mesmo tempo centralmente imiscuidas com eles na intimidade e relacionamentos intensos de sexualidade adulta e de vida familiar. Desse modo, a psicologia das mulheres reflete ambos os lados dos relacionamentos de interdependência e a gama de possibilidades morais que esses relacionamentos geram. As mulheres, portanto, acham-se idealmente situadas para observar o potencial na conexão humana para cuidado como para opressão.

Essa marcante perspectiva observacional nutre o trabalho de Ca-

rol Stack (1975) e Lillian Rubin (1976) que, entrando em mundos anteriormente conhecidos através dos olhos dos homens, voltam para dar um informe diferente. No gueto urbano negro, onde outros enxergaram desordem social e desintegração familiar, Stack encontra redes de intercâmbios doméstico que descrevem a organização da família negra na pobreza. Rubin, observando as famílias da classe trabalhadora branca, desfaz o mito do "trabalhador próspero e feliz" ao assinalar os "mundos de dor" quando se cuida de uma família em condições de desvantagem social e econômica. Ambas as autoras descrevem uma vida adulta de relacionamentos que sustentam as funções familiares de proteção e cuidado, mas também um sistema social de relacionamentos que mantêm a dependência econômica e a subordinação social. Desse modo elas indicam como classe, raça e etnicidade são utilizadas para justificar e racionalizar a permanência da desigualdade de um sistema econômico que beneficia alguns à custa de outros.

Em suas esferas separadas de análise, essas mulheres encontram a ordem onde outros vêem o caos — na psicologia das mulheres, na família negra urbana, e a reprodução da classe social. Essas descobertas exigiram novos modos de análise e um enfoque mais etnográfico a fim de deduzir construtos que pudessem dar ordem e significado à vida adulta que elas viam. Até que Stack redefinisse "família" como "a mínima rede organizada e durável de parentes e não parentes que interatuam diariamente, provendo as necessidades domésticas dos filhos e assegurando sua sobrevivência", ela não pôde achar "família" no mundo "dos abaixo". Só as "definições culturalmente específicas de certos conceitos tais como família, parente, pais e amigos que surgiram durante esse estudo possibilitaram muitas das análises subsequentes... Uma imposição arbitrária das definições amplamente aceitas de família... impede o modo de compreender como as pessoas 'abaixo' descrevem e ordenam o mundo em que vivem" (p. 31).

Do mesmo modo, Miller apela para "uma nova psicologia das mulheres" que reconheça o diferente ponto de partida do desenvolvimento das mulheres, o fato de que "as mulheres permanecem, consertem, e se desenvolvem num contexto de ligação e associação com outros", que "O senso do eu das mulheres torna-se muito mais organizado em torno de serem capazes de fazer, e depois de manter, associações e relacionamentos", e que "finalmente, para muitas mulheres, a ameaça de rompimento de uma associação é percebida não precisamente como uma perda de um relacionamento mas como algo mais próximo de uma total perda do eu". Embora essa estruturação psi-

quica seja atualmente conhecida dos relatos de psicopatologia feminina, não se tem admitido que "esse ponto de partida psíquico contém as possibilidades para um enfoque inteiramente diferente (e mais avançado) do viver e agir... [nos quais] a associação é tão altamente valorizada, ou mais altamente que o autofortalecimento" (p. 83). Assim é que Miller aponta para uma psicologia da idade adulta que reconheça que o desenvolvimento não substitui o valor de ligações em curso e a permanente importância do cuidado nos relacionamentos.

As limitações dos padrões de medida anteriores e a necessidade de um modo mais contextual de interpretação são também evidentes no enfoque de Rubin. Esta autora dissipa a ilusão de que a vida familiar é a mesma em toda parte ou que diferenças subculturais podem ser avaliadas independentemente das realidades sócio-econômicas de classe. Assim é que as famílias das classes trabalhadoras "se reproduzem não porque sejam um tanto diferentes ou que suas culturas sejam aberrantes, mas porque não há alternativa alguma para a maioria dos filhos delas", a despeito "do mito da mobilidade social que nós acariciamos tão caramente" (pp. 210-211). A desigualdade temporária da criança da classe trabalhadora converte-se em desigualdade permanente do adulto da classe trabalhadora, apanhado no fluxo da maré da mobilidade social que desgasta a qualidade da vida familiar.

Tal como as histórias que delineiam as fantasias do poder das mulheres, as descrições da vida adulta das mulheres transmitem um senso diferente de sua realidade social. No retrato que fazem dos relacionamentos, as mulheres substituem o prisma dos homens quanto à separação por uma representação da interdependência do eu e do outro, ambas no amor e no trabalho. Mudando as lentes da observação desenvolvimental da realização individual para os relacionamentos do cuidado, as mulheres retratam a ligação existente como o caminho que leva à maturidade. Assim, os parâmetros do desenvolvimento transitam para assinalar o progresso do relacionamento assiativo.

As implicações dessa transição são evidentes ao considerar a situação das mulheres de meia-idade. Dada a tendência de mapear as águas não-familiares do desenvolvimento adulto com os balizadores da separação e crescimento adolescentes, os anos da meia-idade das vidas das mulheres prontamente aparecem como uma época de retorno ao inacabado negócio da adolescência. Essa interpretação tem sido sobretudo convincente desde que as descrições da vida, providentes sobretudo de estudos dos homens, têm gerado uma perspectiva das quais as mulheres, na medida em que diferem, parecem defi-

cientes no seu desenvolvimento. O desvio do desenvolvimento feminino tem sido assinalado sobretudo nos anos da adolescência, quando as meninas parecem confundir identidade com intimidade ao definir-se através dos relacionamentos com outros. A herança deixada por esse modo de definir identidade é considerada ser um eu que é vulnerável a questões de separação que surgem na meia-idade.

Mas essa construção revela a limitação numa teoria que avalia o desenvolvimento das mulheres tendo por gabarito o padrão masculino e ignora a possibilidade de uma verdade diferente. Sob esse prisma, a observação de que a inserção das mulheres nas vidas do relacionamento, sua orientação para a interdependência, sua subordinação da realização ao cuidado, e seus conflitos sobre o êxito competitivo deixam-nas pessoalmente em risco na meia-idade mais parece um comentário sobre a sociedade do que um problema do desenvolvimento das mulheres.

A construção da meia-idade em termos de adolescência, como uma crise semelhante de identidade e separação, ignora a realidade do que aconteceu nos anos intermediários e rasga a história de amor e trabalho. Para a geratividade começar na meia-idade, como os dados de Vaillant sobre os homens sugerem, parece de uma perspectiva da mulher demasiado tarde para ambos os sexos, dado que o dar à luz e criar filhos ocorre sobretudo nos anos precedentes. Do mesmo modo, a imagem das mulheres chegando à meia-idade ainda pueris e dependentes de outros é desmentida pela atividade do cuidado delas em criar e manter relacionamentos familiares. Assim, pois, o problema parece ser de formulação, uma questão mais de julgamento que de verdade.

Em vista da evidência de que as mulheres percebem e formulam a realidade social diferentemente dos homens e que essas diferenças centram-se em torno de experiências de ligação e separação, as transições da vida que invariavelmente envolvem essas experiências deverão envolver as mulheres de um modo distintivo. E devido ao senso de integridade das mulheres parecer interligado com uma ética do cuidado, de modo que se verem como mulheres e se verem num relacionamento de conexão, as principais transições nas vidas das mulheres pareceriam envolver mudanças no entendimento e atividades de cuidado. Certamente a passagem da infância à idade adulta assiste a uma redefinição vultosa de cuidado. Quando a distinção entre ajudar e agradar isenta a atividade de tomar cuidado do desejo de aprovação por outros, a ética da responsabilidade pode tornar-se uma âncora escolhida por vontade própria da integridade pessoal e da força.

No mesmo sentido, porém, os acontecimentos da meia-idade —

a menopausa e as mudanças na família e no trabalho — podem alterar as atividades de cuidado da mulher de modo a afetar seu senso de si mesma. Se a meia-idade acaba os relacionamentos, o senso de conexão em que ela confia, bem como as atividades de cuidado através das quais ela julga seu valor, então o desgosto que acompanha todas as transições da vida podem gerar a melancolia da autodepreciação e do desespero. O significado dos acontecimentos da meia-idade para uma mulher reflete assim a interação entre as estruturas do seu pensamento e as realidades da sua vida.

Quando se faz uma distinção entre conflito neurótico e conflito real e a relutância em escolher é diferenciada da realidade de não ter escolha alguma, torna-se então possível ver mais claramente como a experiência das mulheres fornece uma chave para compreender verdades centrais da vida adulta. Em vez de encarar sua anatomia como destinada a deixá-la com uma cicatriz de inferioridade (Freud, 1931), pode-se ver como, pelo contrário, ela gera experiência que ilumina uma realidade comum a ambos os sexos: o fato de que na vida você jamais a vê toda, que as coisas não vistas sofrem mudanças através do tempo, que há mais de um caminho para a satisfação, e que os limites entre o eu e o outro são menos claros do que às vezes parecem.

Portanto, as mulheres chegam à meia-idade não apenas com uma história psicológica diferente da dos homens e enfrentam naquela época uma realidade social diferente com diferentes possibilidades de amor e trabalho, mas fazem também um sentido diferente da experiência, baseadas em seus conhecimentos dos relacionamentos humanos. Visão que a realidade da conexão é vivenciada pelas mulheres como dada mais do que livremente negociada, elas chegam a uma compreensão da vida que reflete os limites da autonomia e do controle. Em consequência, o desenvolvimento das mulheres delinea o caminho não só para uma vida menos violenta como também para uma maturidade concretizada através da interdependência e do cuidar.

Em seus estudos do julgamento moral das crianças, Piaget (1932/1965) define uma progressão de três estágios através da qual a construção converte-se em cooperação e a cooperação em generosidade. Ao fazê-lo, ele assinala quanto tempo leva antes que crianças da mesma classe e da mesma escola, brincando umas com as outras todos os dias, venham a concordar no entendimento das regras dos seus jogos. Esse acordo, porém, assinala o complemento de uma reorientação vultuosa da ação e do pensamento através da qual a moralidade da construção se converte em moralidade de cooperação. Mas observa ele também como o reconhecimento das crianças das diferenças entre os outros e elas mesmas leva a uma relativização da igual-

dade na direção da equidade, significando uma fusão de justiça e amor.

Atualmente parece haver apenas um acordo parcial entre homens e mulheres sobre a idade adulta que eles partilham em comum. Na falta de compreensão mútua, os relacionamentos entre os sexos continuam em graus variáveis de construção, manifestando o "paradoxo do egocentrismo" que Piaget descreve, um respeito místico pelas regras combinadas para que todos joguem mais ou menos como lhes agrada e não prestem atenção alguma ao vizinho (p. 61). Para uma compreensão da vida referir-se ao desenvolvimento na vida adulta de relacionamentos caracterizados por cooperação, generosidade e cuidado, esse entendimento deve incluir as vidas das mulheres tanto quanto as dos homens.

Entre os mais urgentes problemas da agenda da pesquisa sobre o desenvolvimento adulto está a necessidade de delinear *nos próprios termos das mulheres* a experiência de sua vida adulta. Meu trabalho nesse sentido indica que a inclusão de experiência das mulheres traz à compreensão desenvolvimental uma nova perspectiva sobre os relacionamentos que muda os constructos básicos de interpretação. O conceito de identidade amplia-se para incluir a experiência da interconexão. O domínio moral é igualmente ampliado pela inclusão da responsabilidade e do cuidado nos relacionamentos. E a correspondente epistemologia subjacente passa do ideal grego do conhecimento como uma correspondência entre mente e forma para a concepção bíblica de saber como um processo de relacionamento humano.

Em vista da evidência de diferentes perspectivas na representação da idade adulta por mulheres e homens, há necessidade de um estudo que esclareça os efeitos dessas diferenças no casamento, na família e nas relações de trabalho. Minha pesquisa sugere que homens e mulheres podem falar línguas diferentes que presumem ser a mesma, utilizando palavras semelhantes para codificar experiências distintas do eu e dos relacionamentos sociais. Como essas línguas partilham de um vocabulário moral superposto, estão propensas a uma criação defeituosa sistemática, criando falsificações que impedem a comunicação e limitam o potencial de cooperação e cuidado nos relacionamentos. Ao mesmo tempo, porém, essas línguas articulam-se uma com a outra de maneiras decisivas. Assim como a linguagem das responsabilidades fornece imagens como as de uma teia dos relacionamentos para substituir o ordenamento hierárquico que se dissolve com o advento da igualdade, também a linguagem do direito sublinha a importância de incluir na rede do cuidado não apenas o outro mas também o eu.

Temos ouvido por séculos as vozes dos homens e as teorias do desenvolvimento que suas experiências nutrem, assim como vimos mais recentemente a observar não apenas o silêncio das mulheres mas a dificuldade em ouvir o que dizem quando falam. No entanto, na voz diferente das mulheres jaz a verdade de uma ética do cuidado, o vínculo entre relacionamento e responsabilidade, e as origens da agressão na falta de conexão. A falha em ver a diferente realidade das vidas das mulheres e em ouvir as diferenças em suas vozes decorre em parte do pressuposto de que existe um modo apenas de experiência e interpretação sociais. Ao apresentar, pelo contrário, dois diferentes modos, chegamos a uma elucidação mais complexa da experiência humana que enxerga a verdade da separação e da ligação nas vidas de mulheres e homens e reconhece como essas verdades são expressas por diferentes modos de fala e pensamento.

Compreender como as tensões entre responsabilidade e direitos mantêm a dialética do desenvolvimento humano é ver a integridade de dois modos dispare de experiência que estão afinal interligados. Enquanto uma ética da justiça provém de uma premissa de igualdade — que todos devem ser tratados da mesma maneira — uma ética do cuidado repousa na premissa da não-violência — de que ninguém deve ser prejudicado. Na representação da maturidade, ambas as perspectivas convergem para a compreensão de que assim como a desigualdade afeta adversamente ambas as partes num relacionamento desigual, também a violência é destrutiva para todos os envolvidos. O diálogo entre equidade e cuidado não apenas oferece uma compreensão melhor das relações entre os sexos como dá também ensejo a uma compreensão mais abrangente do trabalho adulto e das relações familiares.

Assim como Freud e Piaget chamam nossa atenção para as diferenças nos sentimentos e pensamentos das crianças, capacitando-nos a responder às crianças com maior cuidado e respeito, do mesmo modo o reconhecimento das diferenças na experiência das mulheres amplia nossa visão de maturidade e aponta para a natureza contextual das verdades desenvolvimentais. Mediante essa ampliação da perspectiva, podemos começar a vislumbrar como um consórcio entre o desenvolvimento adulto tal como atualmente entendido e o desenvolvimento das mulheres tal como começa a ser visto poderia levar a um entendimento modificado do desenvolvimento humano e a uma visão mais criativa da vida humana.

## Referências

- Belenky, Mary F. "Conflict and Development: A Longitudinal Study of the Impact of Abortion Decisions on Moral Judgments of Adolescent and Adult Women." Ph. D. Diss., Harvard University, 1978.
- Bergling, Kurt. *Moral Development: The Validity of Kohlberg's Theory*. Stockholm Studies in Educational Psychology 23. Stockholm, Sweden: Almqvist and Wiksell International, 1981.
- Bergman, Ingmar. *Wild Strawberries* (1957). In *Four Screen Plays of Ingmar Bergman*, trans. Lars Malmstrom and David Kushner. New York: Simon and Schuster, 1960.
- Bettelheim, Bruno. "The Problem of Generations". In E. Erikson, ed., *The Challenge of Youth*. New York: Doubleday, 1965.
- . *The Uses of Enchantment*. New York: Alfred A. Knopf, 1976.
- Blos, Peter. "The Second Individuation Process of Adolescence." In A. Freud, ed., *The Psychoanalytic Study of the Child*, vol. 22. New York: International Universities Press, 1967.
- Browerian, I., Vogel, S., Broverman, D., Clarkson, F., and Rosenkrantz, P. "Sex-role Stereotypes: A Current Appraisal." *Journal of Social Issues* 28 (1972): 59-78.
- Chekhov, Anton. *The Cherry Orchard* (1904). In *Best Plays by Chekhov*, trans. Stark Young. New York: The Modern Library, 1956.
- Chodorow, Nancy. "Family Structure and Feminine Personality." In M. Z. Rosaldo and L. Lamphere, eds., *Woman, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press, 1974.
- . *The Reproduction of Mothering*. Berkeley: University of California Press, 1978.
- Coles, Robert. *Children of Crisis*. Boston: Little, Brown, 1964.
- Didion, Joan. "The Women's Movement." *New York Times Book Review*, July 30, 1972, pp. 1-2, 14.
- Douvan, Elizabeth, and Adelson, Joseph. *The Adolescent Experience*. New York: John Wiley and Sons, 1966.
- Drabble, Margaret. *The Waterfall*. Hammondsworth, Eng.: Penguin Books, 1969.
- Edwards, Carolyn P. "Societal Complexity and Moral Development: A Kenyan Study." *Ethos* 3 (1975): 505-527.
- Eliot, George. *The Mill on the Floss* (1860). New York: New American Library, 1965.
- Erikson, Erik H. *Childhood and Society*. New York: W. W. Norton, 1950.
- . *Young Man Luther*. New York: W. W. Norton, 1958.
- . *Insight and Responsibility*. New York: W. W. Norton, 1964.